

Devedores tentam reduzir dívidas

Washington — Os países devedores, dentre eles o Brasil, decidiram recorrer ao Fundo Monetário Internacional (FMI) para que o organismo tome uma atitude mais firme frente à resistência dos bancos comerciais em reduzir o endividamento excessivo, que inibe sua recuperação econômica, disseram ontem especialistas latino-americanos presentes, em Washington, à assembléia anual do FMI.

Uma demanda nesse sentido foi incluída em um documento preparado ontem por especialistas de países em desenvolvimento da Ásia, África e América Latina, assinalando os pontos de vista do Terceiro Mundo frente à agenda do organismo.

“O debt overhang ou endividamento excessivo levou ao fracasso dos programas de ajuste dos últimos seis anos, com graves consequências sociais para os países envolvidos. Os governos dos países industrializados reconheceram o

problema com a aprovação do Plano Brady, mas os bancos continuam tentando não assumir sua responsabilidade”, disse a AFP, uma autoridade latino-americana.

Resistência

“A resistência dos bancos ficou clara quando se questionaram as necessidades de financiamento externo do México que haviam sido acordadas com o FMI, mas ficou ainda mais evidente na semana passada quando declararam as propostas para reduzir a dívida externa da Venezuela”, disse a autoridade, que pediu para não ser identificada.

Com uma dívida externa de US\$ 35,8 bilhões a Venezuela é um dos 39 países incluídos no plano do secretário do Tesouro dos Estados Unidos, Nicholas Brady, para reduzir o saldo de sua dívida e a carga do serviço.

Por outro lado, Horst Schulmann, diretor-gerente do Instituto de Finanças Internacionais (IFI), que representa os bancos comerciais, explicou, na última segunda-

feira, as razões dos bancos para rejeitar as propostas da Venezuela, afirmando que o país “não precisa” reduzir sua dívida.

Reação

Para os especialistas do Terceiro Mundo que assistem à assembléia anual do FMI, a atitude dos bancos privados pode “comprometer gravemente” os processos de ajuste e recuperação dos países endividados que dependem em grande medida de financiamento adequado. O aumento de reservas por parte dos maiores bancos dos Estados Unidos ressaltou esta semana a intenção de se abster, na medida do possível, de novos empréstimos aos países em desenvolvimento.

Lewis T. Preston, presidente de J.P. Morgan a terceira rede bancária norte-americana, anunciou quinta-feira um aumento de US\$ 2 bilhões em reservas e explicou a medida vaticinando que a reprogramação das dívidas dos países em desenvolvimento “será cada vez mais difícil” no futuro.